



Revista de Gestão Ambiental e
Sustentabilidade

E-ISSN: 2316-9834

revistageas@uninove.br

Universidade Nove de Julho
Brasil

dos Santos Portugal, Nilton; Soares da Silva, Sabrina; dos Santos Portugal Júnior, Pedro;
Ferreira Alves, Alessandro

MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS: UM ESTUDO SOBRE SUAS AÇÕES E
PERCEPÇÕES FRENTE ÀS EXIGÊNCIAS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade, vol. 6, núm. 1, enero-abril, 2017, pp.
107-122

Universidade Nove de Julho
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=471655307009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS: UM ESTUDO SOBRE SUAS AÇÕES E PERCEPÇÕES FRENTE ÀS EXIGÊNCIAS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Recebido: 19/08/2016

Aprovado: 16/12/2017

¹Nilton dos Santos Portugal

²Sabrina Soares da Silva

³Pedro dos Santos Portugal Júnior

⁴Alessandro Ferreira Alves

RESUMO

O presente trabalho descreve as ações e as percepções dos microempreendedores individuais e se justifica pela importância socioeconômica dessa nova caracterização empresarial e pela projeção do crescimento de sua formalização, que retrata números e percentuais de relevante contribuição para o desenvolvimento do país. Com o objetivo de compreender os padrões de gerenciamento sustentável, o estudo se caracterizou como descritivo, de natureza quantitativa, optando-se pelo *survey*, com a aplicação de questionários estruturados em uma amostra de 391 empreendedores na microrregião de Varginha-MG. Pelos resultados foi possível evidenciar um baixo envolvimento dos microempreendedores com as questões sociais e ambientais. Destacaram-se a falta de diretrizes voltadas à preservação ambiental e o desinteresse pelo voluntariado. Contudo, as percepções de que a adoção de ações voltadas à preservação do meio ambiente pode assegurar melhores condições de vida às futuras gerações e a crença de que atitudes relacionadas à melhoria e bem-estar do ser humano pode proporcionar vantagens para a empresa foram frequentes.

Palavras-chave: Microempreendedor Individual; Empreendedorismo; Sustentabilidade.

¹ Doutor em Administração pela Universidade Federal de Lavras - UFLA, Minas Gerais (Brasil).
Professor pelo Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS/MG, Minas Gerais (Brasil).
E-mail: nilton@unis.edu.br

² Doutora em Administração pela Universidade Federal de Lavras - UFLA, Minas Gerais (Brasil).
Professora pela Universidade Federal de Lavras - UFLA, Minas Gerais (Brasil).
E-mail: sabrinasilva@dae.ufla.br

³ Doutor em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, São Paulo (Brasil). Professor pelo Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS/MG, Minas Gerais (Brasil).
E-mail: pedrorotaract@hotmail.com

⁴ Doutorado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, São Paulo (Brasil).
Professor pelo Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS/MG, Minas Gerais (Brasil).
E-mail: alessandro.ferreira@unis.edu.br



INDIVIDUAL MICROENTREPRENEURS: A STUDY OF THEIR ACTIONS AND PERCEPTIONS IN RESPONSE TO THE REQUIREMENTS OF SUSTAINABLE DEVELOPMENT

ABSTRACT

This paper describes the actions and perceptions of small individual entrepreneurs and is justified by the socioeconomic importance of this new business characterization and the projection of the growth of its formalization, which depicts figures and percentages of significant contribution to the development of the country. In order to understand the sustainable management standards, the study was characterized as descriptive, quantitative, opting for the survey, with the application of structured questionnaires in a sample of 391 entrepreneurs in the micro region of Varginha (MG). From the results it was possible to show a low involvement of small individual

entrepreneurs with social and environmental issues. They showed a lack of guidelines aimed at environmental preservation and a lack of interest in volunteering. However, perceptions of the adoption of actions aimed at preserving the environment being able to ensure better living conditions for future generations were frequent; so were the belief that attitudes towards the improvement and welfare of the human being may provide advantages for the company.

Keywords: Small individual entrepreneurs; Entrepreneurship; Sustainability.

LOS MICROEMPRESARIOS INDIVIDUAL: UN ESTUDIO DE SUS ACCIONES Y PERCEPCIONES FRENTE A LAS EXIGENCIAS DEL DESARROLLO SOSTENIBLE

RESUMEN

En este documento se describen las acciones y percepciones de los pequeños empresarios individuales y se justifica por la importancia socioeconómica de esta nueva caracterización de negocios y la proyección del crecimiento de su formalización, que representa números y porcentajes de contribución significativa al desarrollo del país. Con el fin de entender las normas de gestión sostenible, el estudio se caracteriza por ser descriptiva, cuantitativa, optando por el método *survey*, con la aplicación de cuestionarios estructurados en una muestra de 391 empresarios de la micro región de Varginha-MG. A partir de los resultados fue posible mostrar una baja participación de los

microempresarios de las cuestiones sociales y ambientales. Si ellos pusieron de relieve la falta de directrices encaminadas a la preservación del medio ambiente y la falta de interés en ser voluntario. Sin embargo, la percepción de que la adopción de medidas destinadas a preservar el medio ambiente puede garantizar mejores condiciones de vida para las generaciones futuras y la creencia de que las actitudes hacia la mejora y el bienestar del ser humano pueden proporcionar ventajas para la empresa más frecuentes.

Palabras-clave: Empresario individual; Emprendedor; Sostenibilidad.



INTRODUÇÃO

O desenvolvimento econômico de um país decorre da sua capacidade em construir e administrar suas riquezas, criar e introduzir, em diferentes contextos, bens, serviços e tecnologia. Frente a essa realidade, o empreendedorismo se configura como mola propulsora para o desenvolvimento, contribuindo para o crescimento econômico, para uma melhor distribuição de renda e para a diminuição da pobreza de uma nação.

A compreensão do fenômeno empreendedorismo e de seus atores, suas características, percepções e ações pode contribuir para a promoção do desenvolvimento e apontar caminhos mais assertivos e apropriados para quem tende a ousar, enquanto empreendedor.

De acordo com dados da Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2003), o Brasil já ocupou o primeiro lugar no grupo de países mais empreendedores do mundo, porém, paralelamente a tal performance imperava o alto índice de mortalidade empresarial. Segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2013), em 2002, de cada 100 empresas constituídas, 49 não passavam do segundo ano de existência. Em 2008, o número de empresas que não passavam do segundo ano de existência caiu de 49 para 27. Fatores como o controle da inflação, a redução das taxas de juros, a ampliação do crédito para pessoas físicas e o aumento do poder de compra das classes C, D e E foram determinantes para essa melhora. Somam-se a esses fatores a melhoria em aspectos qualitativos do empreendedor, tais como: aumento na quantidade de tempo de estudos, a formação técnica e superior e a experiência adquirida pela vivência em outras empresas.

Estimular o empreendedorismo é crer na capacidade do indivíduo em inovar, criar novos negócios, empregar pessoas e gerar riquezas. Todavia, ressalta-se que a geração de riqueza, de fato, só se justificará se abarcar a preocupação com a sustentabilidade, objetivando um equilíbrio entre desenvolvimento econômico, qualidade de vida atual e futura e meio ambiente mais limpo e saudável. Nesse sentido, uma nova corrente empreendedora vem surgindo, o empreendedorismo sustentável, que se alicerça nas dimensões social, ambiental e econômica, incentivando o empreendedor a buscar oportunidades socialmente justas, ambientalmente corretas e economicamente viáveis, denominado *triple bottom line*.

De acordo com Tachizawa (2005) e Vinha (2003) as organizações empresariais devem harmonizar a busca pelo crescimento e desenvolvimento com a proteção ambiental, não apenas no momento presente, mas incluindo também as gerações futuras. Nesse contexto, a eficiência de uma organização passa a ser estabelecida predominantemente pela capacidade de definir internamente estratégias, bem como criar estruturas e

tomar decisões com vista à otimização de seus resultados nas três dimensões: econômica, social e ambiental.

Na visão de Donaire (1999) esse novo contexto faz com que as organizações incorporarem a variável ambiental na prospecção de seus cenários e na tomada de decisão, além de manter uma postura responsável de respeito e convivência harmônica com o meio ambiente. Assim, baseado na importância do empreendedorismo e do desenvolvimento tanto econômico quanto sustentável para um país, sociedade e organizações, a presente pesquisa tem como objetivo compreender os padrões de gerenciamento dos microempreendedores individuais frente às exigências e aos desafios do desenvolvimento sustentável e se caracteriza por um estudo das ações e das percepções desse indivíduo, que se confunde com a pessoa jurídica, tendo, como procedimentos metodológicos, a adoção de um *survey*, e, como instrumento de coleta de dados, o questionário estruturado aplicado em uma amostra de microempreendedores na microrregião Varginha-MG, utilizando-se das técnicas estatísticas descritiva e multivariada para as análises dos dados e a discussão dos resultados.

EMPREENDEDORISMO

Palavra de origem francesa, *entrepreneurship* é traduzido literalmente como “aquele que está entre”. Segundo Dolabela (2008a), empreendedorismo é um neologismo derivado da livre tradução que se utiliza para designar as características do indivíduo empreendedor, seu perfil, suas ações e suas percepções frente aos desafios e seu ambiente.

Nas conceituações do indivíduo empreendedor, duas correntes principais se destacam: a corrente dos economistas, precursora nas discussões sobre esse ator; e a corrente comportamentalista. A primeira associa a figura do empreendedor à criação, alguém capaz de introduzir, em diferentes contextos, processos, tecnologia e soluções inovadoras. Para Schumpeter (1950), a função do empreendedor é reformar ou revolucionar os padrões de produção, explorando algo não antes experimentado para produzir um novo produto ou um produto já existente em um novo formato, proporcionando uma nova fonte de suprimento de materiais ou uma nova forma de comercialização de produtos.

A segunda corrente, dos comportamentalistas, de acordo com Acs *et al.* (2012), enfatiza os aspectos procedimentais e atitudinais do empreendedor, como a intuição e a criatividade. Fillion (1999) afirma que o empreendedor é uma pessoa criativa, capaz de estabelecer e atingir objetivos, com alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios.

Para Dolabela (2008b), o empreendedorismo não é um fenômeno apenas econômico, mas, sim, social. Dessa forma, várias são as definições adotadas para as palavras empreendedor e empreendedorismo. A figura 1 apresenta algumas dessas definições.



Figura 1: Definições de empreendedor e empreendedorismo.

Pensadores/Instituições	Definições
Richard Cantillon (1680-1734)	Empreendedores são pessoas que comprem matéria-prima, processa-as e depois comercializa, obtendo ganhos econômicos sobre essas ações.
Jean-Baptiste Say (1767-1832)	Empreendedor é aquele que movimenta recursos econômicos de um setor de baixa produtividade para outro de mais alta produtividade e melhor rendimento. Sujeito inovador e agente de mudanças.
Joseph Alois Schumpeter (1883-1950)	Empreendedor é o elemento que contribui para o desenvolvimento econômico devido ao aproveitamento das oportunidades. Responsável pela destruição criativa, alguém que inova e cria produtos, mercados e organizações.
Babson College	Empreendedorismo é a forma de pensar e agir obcecada por oportunidades, holística na abordagem e apoiada na liderança, com o propósito de criação de riqueza.
Harvard University	Empreendedorismo é a exploração de oportunidades independente dos recursos que se tem em mãos. Padrão coeso e mensurável de comportamento gerencial.

Fonte: Adaptado de Dolabela (2008a).

Embora pouco convergentes, essas definições evidenciam a importância do empreendedor e do fenômeno empreendedorismo para a sociedade. Segundo Dolabela (2008a), a capacidade do empreendedor em identificar oportunidades, correr riscos, estabelecer metas e criar redes de relacionamentos contribuem não só para a realização de projetos próprios, como também para o desenvolvimento econômico de um país.

Em uma perspectiva histórica, de acordo com Salusse e Andreassi (2013), são quatro as principais linhas de pensamento que retratam os estudos do fenômeno empreendedorismo. Para Venkataraman *et al.* (2012), essas linhas evoluíram dos estudos relacionados às características do empreendedor para as relações entre indivíduo e oportunidades e, ainda mais, aos modelos de relacionamentos e ações desse indivíduo com o ambiente no qual está inserido.

A perspectiva do empreendedorismo, enquanto método, é a linha de pensamento que retrata o foco do presente estudo e, por isso, a única a ser abordada nesta seção. Esta perspectiva pondera o fenômeno como algo possível de ser delineado pelo empreendedor. Para Dimov (2011), o pressuposto dessa abordagem modifica-se da busca por uma elucidação causal dos acontecimentos como realidade pragmática e produzida, comum nas ciências natural e social, para a reprodução de ações em função de influências e contingências.

O conceito de ações é a essência dessa perspectiva e implica na possibilidade do empreendedor empregar seus conhecimentos objetivando a execução de atos direcionados à geração de oportunidades, o que corresponde à criação dessas ações. Em meio a um ambiente em que não se pode prever ou controlar as contingências, em virtude das ações dos vários atores, a sobrevivência e

desenvolvimento de um empreendimento, segundo Neck e Greene (2011), somente será possível por meio de alguns fatores. Dentre eles, destaca-se uma bem organizada gestão, o que, por sua vez, exigirá a competência de empregar estratégias, técnicas e ferramentas de gerenciamento e controle, e fundamentos para agir de modo empreendedor.

Sendo assim, nessa perspectiva, o interesse das pesquisas volta-se para os métodos utilizados pelo empreendedor ao lidar com as interferências do meio. O foco na ação e na interação faz com que o interesse das pesquisas na área de empreendedorismo mude de questões relacionadas a modelos de processos de decisão em ambiente de incertezas para pontos envolvendo problemas de como agir no presente e planejar oportunidades para o futuro diante de influências e contingências (SARASVATHY; VENKATARAMAN, 2011).

MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL – MEI

Sabe-se que o fenômeno do empreendedorismo influencia o crescimento e desenvolvimento de um país, destacando-se por promover possibilidades de ganhos individuais e coletivos gerados por oportunidades de negócios. De acordo com Dolabela (2008a), o empreendedor é um agente de mudanças, que contribui diretamente para o desenvolvimento e a geração de riqueza. Para Acs *et al.* (2012), o empreendedor é uma peça fundamental em um processo de inovação e o responsável por um movimento que contribui para o progresso e melhoria dos padrões de vida de uma sociedade.

No Brasil, a evolução da política de incentivos ao empreendedorismo teve como importante marco a criação da Lei Geral da Micro e Pequena Empresa em



2006 (BRASIL, 2006). Em 2007, a implementação do Super Simples, com a redução de 40%, em média, dos tributos foi outro fator relevante para o empreendedorismo no país. Em 1º de julho de 2009, entrou em vigor a Lei Complementar nº 128/2008, que instituiu a figura do Microempreendedor Individual. Para os efeitos dessa Lei, o microempreendedor individual, tipologia empresarial e jurídica, também se configura como empresário a que se refere o art. 966 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 do Código Civil Brasileiro, que se enquadra como tal, todo o indivíduo que exerce atividade econômica planejada e organizada para a produção ou a circulação de bens ou de serviços.

Com um faturamento bruto mensal de até cinco mil reais, pagando R\$ 36,20 (referente a 5% de um salário mínimo) mais um real de ICMS ao Estado, quando comércio ou indústria; mais 5 reais de ISSQN, destinados ao município, quando prestador de serviços, cerca de 500 tipos de ocupações no Brasil podem se transformar em empreendedores individuais (PREVIDÊNCIA SOCIAL, 2011) e formalizar suas atividades, obtendo, além de obrigações fiscais e previdenciárias, benefícios mercadológicos e previdenciários.

Para Salgado (2012), o objetivo principal da Lei Complementar nº 128/2008 foi trazer à legalidade e, conseqüentemente, gerar tributação milhões de pessoas que estão na informalidade. Todavia, o autor afirma que o empreendedor individual vem sendo descrito não apenas como uma inovação jurídico-tributária no país, mas também como um passaporte de acesso a produtos e serviços intangíveis a esse público, como suporte técnico, concessões de crédito, possibilidades de comercialização de produtos e serviços com órgãos públicos e cobertura previdenciária.

De acordo com o SEBRAE (2013), a evolução nas formalizações somadas às constituições de novos negócios deverá, até meados do ano de 2015, levar o país a cerca de 8,5 milhões de micro e pequenos negócios. Desses, pouco mais da metade será constituída de microempreendedores individuais. E, até o ano de 2022, o total de pequenos negócios no país chegará a 12,9 milhões, desse total, 60,5%, cerca de 7,8 milhões, corresponderá a microempreendedores individuais.

EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL

O empreendedorismo avançou em resposta às mudanças e evoluções do mercado, continuando abarcar a inovação e a liderança combinando-as a variáveis como habilidades de gestão, criatividade e sustentabilidade, em seu sentido mais amplo.

De acordo com Cohen e Winn (2007), o empreendedorismo ganha um novo viés, como um complemento da definição de Schumpeter (1997), Fillion (1999), Dolabela (2008a), entre outros. A sustentabilidade passa a ser incorporada, na busca de entender como as oportunidades de desenvolver

futuros bens e serviços são descobertas, criadas e exploradas, por quem e com quais consequências sociais, ambientais e econômicas.

Nesse contexto, surge o binômio empreendedorismo sustentável alicerçado sobre o *triple bottom line* (DIXON; CLIFFORD, 2007; TILLEY; YOUNG, 2009), constituído pelas dimensões social, ambiental e econômica, e termos como *ecovantagem* (ESTY; WINSTON, 2008), *ecopreneurship* (SCHAPER, 2002; DIXON; CLIFFORD, 2007) e *ecopreneur* (HOLT, 2011) que, de certa forma, passam a influenciar diretamente as ações do empreendedor na busca por oportunidades.

Cohen e Winn (2007) afirmam que as ações de um empreendedor atento a esse novo contexto condicionam empresa e dirigentes a escolhas mais sensatas e equilibradas entre o lucro, o bem estar das pessoas e o planeta. Para Esty e Winston (2008), empresas que investem no binômio empreendedorismo e sustentabilidade ajustam oportunidades à criação de valor dentro das dimensões econômica, social e ambiental.

A dimensão econômica é aquela que se volta à possibilidade de alocar e gerir recursos de forma mais eficiente, regulando o fluxo de investimentos e objetivando os melhores retornos (SACHS, 2004). Essa perspectiva traduz-se nas melhores formas de gestão para obter vantagens competitivas.

Na dimensão social, segundo Dixon e Clifford (2007), a busca pela consolidação dos processos de crescimento e desenvolvimento orientados para a qualidade de vida do ser humano e o bem-estar de toda a sociedade é o objetivo principal.

De acordo com Holt (2011), o cerne da dimensão ambiental gira em torno da correta utilização do uso dos recursos potenciais dos vários ecossistemas, objetivando a exploração com um menor impacto negativo possível a eles e propósitos socialmente válidos.

Para Parrish (2010), o empreendedorismo sustentável evidencia a evolução do pensamento do empreendedor e das suas ações nas organizações e a importância da busca pelo equilíbrio das dimensões econômica, social e ambiental no intuito de suprir as necessidades da atual geração, sem comprometer a sobrevivência e bem-estar das gerações futuras, tornando essencial a convergência das finalidades do empreendedorismo e da sustentabilidade. O autor afirma ainda que o empreendedorismo, nessa nova abordagem, pode não só colaborar para o alcance dos objetivos empresariais, como também promover o desenvolvimento econômico e o avanço tecnológico, ampliando assim suas contribuições para com a sociedade e o meio ambiente.

Nesse sentido, de acordo com Dixon e Clifford (2007), as organizações que não estiverem atentas às novas exigências, não sobreviverão, ao passo que aquelas que estiverem ajustadas serão promovidas. Um novo ponto de vista que alerta empreendedores e empresas de que mudanças estão acontecendo e novas oportunidades de mercado surgindo. Com isso, os autores consideram a necessidade da divulgação, em



âmbito global, das ações que visam a sustentabilidade das empresas como pontapé inicial para a “destruição criativa” de Schumpeter.

Segundo Cavalcanti e Teixeira (2013), frente à gama de estratégias possíveis para sobreviver em um mercado e alcançar vantagem competitiva, as ações de gestão que priorizarem os benefícios sociais e a preservação ambiental tendem a ser as mais eficazes, visto que, para promover os seus interesses, os empreendedores podem alinhar, de maneira seletiva, suas ações às mudanças e exigências do mercado, na expectativa de alcançar um equilíbrio apropriado. Para Fenker e Ferreira (2011), a busca por esse equilíbrio suscitou a necessidade de incorporar, no pensamento administrativo, nas ações do empreendedor e na formulação das estratégias organizacionais, conceitos relacionados ao bem-estar e à ecologia, adotando-se também valores não monetários como parâmetros de mensuração da sustentabilidade.

Diante disso, de acordo com Boszczowski e Teixeira (2009), apesar de ser um campo de estudo recente e de ainda não haver parâmetros completamente definidos pela literatura (DALMORO, 2009), o binômio empreendedorismo e sustentabilidade fez emergir o empreendedorismo sustentável como novo campo de pesquisa que, no presente trabalho, se perfaz pelo estudo das práticas de gestão adotadas pelos MEIs e as ações e as percepções desses microempreendedores no que se refere à sustentabilidade dos seus negócios.

METODOLOGIA

O propósito desse estudo é analisar e compreender as ações, procedimentos e percepções relacionadas à sustentabilidade do negócio, nas dimensões social, ambiental e econômica. Nesse sentido, o estudo se caracteriza como descritivo, pois visa a “identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo” (JUNG, 2004, p.152). Para Cervo, Bervian e Silva (2007), a pesquisa descritiva procura descobrir, com a precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com os outros, sua natureza e características, correlacionando fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los.

Optou-se por um levantamento do tipo *survey* que, segundo Babbie (1999), consiste em uma técnica de pesquisa conduzida com uma amostra representativa de uma determinada população, empregando, de modo geral, um questionário estruturado para a obtenção de dados que deverão ser estudados por meio de técnicas estatísticas para medir relações entre variáveis.

A abordagem utilizada é de natureza quantitativa, que, de acordo com Théóphilo e Martins (2009), permite ao pesquisador, dependendo da natureza das informações, dos dados e das evidências levantadas, empreender uma avaliação quantitativa, ou

seja, organizar, sumarizar, caracterizar e interpretar os dados numéricos coletados.

As variáveis da pesquisa se agrupam em características do indivíduo empreendedor e da empresa e em ações e percepções relacionadas à sustentabilidade. As variáveis relacionadas ao perfil do microempreendedor são: idade, sexo e escolaridade. As variáveis que se referem às características da empresa são: atividade econômica, o município a que pertence, se possui ou não empregado, é familiar ou não e quando iniciaram as atividades.

As variáveis relacionadas à sustentabilidade, contemplando as ações e percepções dos MEIs referentes às dimensões social, ambiental e econômica, foram medidas por meio de uma escala de três pontos (Não, Em parte e Sim), assumida nessa pesquisa como escala intervalar.

Na dimensão social foram adotadas as variáveis: saúde e segurança; incentivos monetários (gratificações, comissões e participação nos lucros); apoio a treinamentos e capacitações; patrocínio a eventos culturais ou científicos; contribuição para campanhas e ações de cunho social; voluntariado; crença de que a adoção de atitudes relacionadas à melhoria do bem-estar do ser humano e da sociedade proporciona vantagem competitiva.

Na dimensão ambiental: diretrizes/políticas relacionadas à preservação ambiental; conhecimento das influências dos processos e/ou atividades no meio ambiente; preocupação com o consumo de água; preocupação com o consumo de energia elétrica; separação de resíduos para a coleta seletiva; preocupação com a redução do uso de materiais; crença de que a adoção de ações voltadas à preservação ambiental pode assegurar melhores condições de vida às futuras gerações; motivos a adotar práticas de gestão ambiental.

A dimensão econômica abordou: precificação; apuração dos resultados; satisfação com os resultados da empresa; expectativa, enquanto empreendedor.

A região escolhida para o estudo é a microrregião Varginha, código 50 – IBGE, uma das microrregiões do estado de Minas Gerais pertencentes à mesorregião Sul e Sudoeste de Minas. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), sua população é de 441.278 habitantes. Possui uma área total de 7.599,369 km² e está localizada em um eixo equidistante entre algumas das principais capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. De acordo com o IBGE (2010), o PIB nominal de aproximadamente 8,7 bilhões de reais advém do setor de serviços (56,6%), 17,2% da indústria, 14,1% do comércio e 11,7% da agropecuária. Este com destaque para a cafeicultura, o milho e a produção leiteira.

A microrregião possui dezesseis municípios, a saber: Boa Esperança, Campanha, Campo do Meio, Campos Gerais, Carmo da Cachoeira, Coqueiral, Elói Mendes, Guapé, Ilícinea, Monsenhor Paulo, Santana da Vargem, São Bento Abade, São Tomé das Letras, Três Corações, Três Pontas e Varginha.



A população pesquisada, também conhecida por universo da pesquisa, é o conjunto de indivíduos que partilham de, pelo menos, uma característica em comum (MARCONI; LAKATOS, 2008). Dessa forma, assume-se como universo desta pesquisa o conjunto de MEIs da microrregião Varginha-MG.

De acordo com o Portal do Empreendedor (2014), sítio eletrônico oficial do Governo Federal que tem como fonte de informações as bases dos sistemas oficiais da Secretaria da Receita Federal do Brasil, a microrregião de Varginha possui uma população de 8.260 MEIs formalizados. Essa população deriva de um corte transversal, que se justifica, segundo Malhotra (2012), por custos relativamente mais baixos que nos estudos longitudinais, por coletas de dados mais rápidas e ainda por retratar a realidade de modo satisfatório em um contexto histórico-temporal.

Considerando um nível de confiança de 95% ($\alpha=5\%$, $Z_{\alpha/2} = Z_{0,025}$), segundo Levin (1987), obtém-se o valor de 1,96 de desvios padrões, retirado da tabela de distribuição normal reduzida, para o cálculo da amostra. Assim, de acordo com Levin (1987) e Stevenson (2001), para um universo de 8.260 microempreendedores, preestabelecendo um erro amostral de 5%, a amostra será composta por 367 microempreendedores individuais.

Ressalta-se que a presente pesquisa apresenta resultados que poderão ser generalizados apenas para o universo de microempreendedores individuais da região em estudo, dentro dos limites estatísticos estabelecidos. Para tanto, a técnica de amostragem foi a probabilística aleatória, tendo como forma de escolha do MEI a ser pesquisado o sorteio. Amostra probabilística, segundo Hair Junior *et al.* (2009), por basear-se na premissa de que cada elemento da população alvo tem uma probabilidade conhecida, mas não necessariamente igual de ser selecionado para a amostra.

Com a finalidade de abranger todos os municípios da região em estudo, optou-se por uma proporcionalidade, considerando a quantidade de microempreendedores individuais de cada cidade e número total da região. A proporcionalidade teve a finalidade de garantir a participação de empreendedores de toda a microrregião.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 391 MEIs pesquisados, 196 (50,1%) são do sexo masculino e 195 (49,9%) feminino. Em relação à idade, a média da amostra pesquisada é de 36,4 anos, a moda de 30 anos, o empreendedor mais novo possui 19 anos e o de maior idade 70 anos. O maior percentual de microempreendedores individuais da faixa etária de 26 a 35 anos, representando 35,81% da amostra. A parcela daqueles mais experientes, microempreendedores com mais de 55 anos de idade, representa apenas de 4,6%, e os mais novos, com até 25 anos, 15,6%.

Em relação à escolaridade, destaca-se a baixa escolaridade dos MEIs, sendo 34 deles com o ensino

fundamental incompleto (8,7%), 38 com o ensino fundamental completo (9,72%), 45 com o ensino médio incompleto (11,51%) e 126 com o ensino médio completo (32,23%), totalizando 62,16%. Já aqueles com mais anos de estudos, os microempreendedores individuais com o ensino superior completo representam 15,09% dos MEIs pesquisados e os que possuem pós-graduação representam 8,95%, somando 24,04%.

Dentre as características das empresas, observou-se uma predominância entre os microempreendedores individuais da atividade econômica comércio, com 51,15% da amostra, seguida dos serviços (27,37%), do comércio e serviços (16,62%), e, por fim, da atividade que se caracteriza pela indústria e comércio, com 4,86%.

Os microempreendedores individuais que não possuem empregados são em maior número, 209 MEIs (53,45%), frente àqueles que possuem um empregado, quantidade única permitida pela Lei Complementar nº 128/2008, que representam 182 MEIs (46,55%).

O cruzamento das variáveis da amostra atividade econômica da empresa e possuir ou não empregado demonstrou que a atividade econômica que mais emprega é o comércio (55,49%), em seguida os serviços, com 19,78%, comércio e serviços (17,58%) e indústria e comércio com 7,14%. Dentro da mesma atividade econômica, embora com números absolutos baixos (19 MEIs), o setor da indústria e comércio é o que apresenta o maior percentual de empregabilidade dentre as atividades (68,42%). Por outro lado, os serviços é a atividade dos microempreendedores individuais que menos emprega, em termos percentuais, ou seja, são apenas 33,64%, frente aos 66,36% dos que se enquadram nesse setor e que não possuem empregados.

No que tange à configuração familiar ou não familiar, 216 microempreendedores pesquisados (55,24%) se configuram como uma empresa familiar, estas constituídas por membros de uma mesma família, utilizadas como uma fonte de recursos para sustentar e/ou complementar a renda familiar. A outra parte da amostra, 175 MEIs (44,76%), não se configura como uma organização familiar.

Com relação ao cruzamento entre as variáveis possui empregado e configuração familiar, a quantidade de MEIs cuja configuração é familiar e que possui empregado é de 106, 27,11% do total da amostra, já as empresas familiares sem empregado correspondem a 28,13% (110 microempreendedores individuais). Dentre as 175 empresas que se configuram como não familiares, 43,43% empregam e 56,57% não possuem empregados, respectivamente, 19,44% e 25,32% da amostra.

Em relação ao tempo de vida dos microempreendedores individuais, enquanto empresa, participantes da pesquisa, observa-se que o maior percentual da amostra (23,79%) possui entre 4 e 5 anos de existência, sendo que apenas 28,13% estão abaixo dos 2 anos de existência, período considerado, pelo SEBRAE (2013), de alto risco de mortalidade para pequenos negócios, e 71,87% estão acima desse



tempo de vida. Cabe ressaltar que os 57 microempreendedores individuais com mais de 5 anos (14,58% da amostra), ou seja, aqueles que iniciaram suas atividades antes de 1º de julho de 2009, deixaram de se caracterizar como microempresa (ME), para se tornarem MEIs, possivelmente pelas vantagens tributárias e redução de custos com encargos sociais e serviços contábeis.

Com relação às variáveis que representam as ações e percepções dos MEIs, os resultados demonstram um percentual de respostas positivas de 39,33%, e um ranking médio geral de 2,13 pontos. As respostas negativas somadas àquelas em meio termo resultam em um percentual próximo aos 61%, refletindo certo descuido com a sustentabilidade, considerando nesse contexto o colaborador e a sociedade, o meio ambiente e a questão econômica dos negócios.

A falta de diretrizes voltadas à preservação do meio ambiente (1,70), o baixo interesse dos MEIs em participar de trabalhos voluntários (1,74) e o desconhecimento dos impactos gerados pelos processos da empresa na natureza (1,78) representam as variáveis com menor desempenho da temática. Por outro lado, as percepções de que (i) a adoção de ações voltadas à preservação do meio ambiente pode assegurar melhores condições de vida às futuras gerações, e (ii) a crença de que atitudes responsáveis relacionadas à melhoria e bem-estar do ser humano pode proporcionar vantagens são as variáveis positivas mais apontadas pelos MEIs, com média de 2,66 e 2,42 pontos, respectivamente. Estas, segundo Esty e Winston (2008), podem contribuir com a criação de valor da empresa.

Analisando por dimensões, atentando-se ao contexto do *triple bottom line* (DIXON; CLIFFORD, 2007; TILLEY; YOUNG, 2009), é possível observar que a dimensão econômica é a que apresenta o melhor desempenho médio (2,37) e um maior percentual de respostas enquadradas em sim (47,57%). A dimensão ambiental vem em seguida, com um ranking médio de 2,15 pontos e 40,23% das respostas positivas. E, por

fim, observa-se a dimensão social, com 2,00 de média e 34,89% das respostas em sim.

Na dimensão social, as variáveis com maior desempenho são: a percepção de que a adoção de atitudes responsáveis relacionadas à melhoria e bem-estar do ser humano propiciam vantagens competitivas para a empresa, com 2,42; a garantia de condições de saúde e segurança; e a contribuição com doações para campanhas e ações sociais, as duas últimas com 2,12 de média.

A percepção de que ações voltadas para a preservação dos recursos naturais podem assegurar melhores condições de vida às futuras gerações, definição essa utilizada pelos ecodesenvolvimentistas para descrever o significado de desenvolvimento sustentável (SACHS, 2004), representa a variável com o maior número de respostas positivas e maior média (2,66) na dimensão ambiental. Soma-se a esta a preocupação com o consumo e a economia de energia elétrica (2,43) e a preocupação com o consumo e a economia de água (2,33), variáveis que merecem destaque na questão ambiental e refletem ações mais responsáveis dos microempreendedores individuais frente à temática. Essas duas questões podem ser explicadas de acordo com Lustosa (2003) pelo fato de que a maior parte das empresas vê na questão da sustentabilidade avançada uma componente de aumento de custos e, portanto, buscando aplicar o gerenciamento ambiental apenas em questões que possam contribuir para a diminuição de custos, adotando assim padrões mais simples e, no máximo, menos onerosos.

Dentro da dimensão econômica, os destaques ficam por conta da correta elaboração do preço de venda do produto ou serviço (2,42) e da ação de apurar constantemente os resultados do negócio, com 2,41 de média.

De acordo com a Tabela 1, é possível observar a existência de correlações positivas entre o nível de escolaridade e as ações e percepções relacionadas ao gerenciamento sustentável dos negócios.



Tabela 1: Correlações entre o grau de escolaridade do MEI e as ações e percepções relacionadas ao gerenciamento sustentável.

Variáveis - sustentabilidade (social)	Escolaridade do MEI
Sua empresa assegura a você (e ao funcionário, se houver) condições de saúde e segurança na execução das tarefas de forma apropriada?	,264**
A empresa paga incentivos monetários (gratificações por produtividade, comissões, participação nos lucros) a você ou ao seu trabalhador, se houver?	,207**
Você participa ou apoia seu funcionário a participar de cursos e treinamentos?	,265**
Você busca patrocinar eventos culturais ou científicos no seu município?	,082
Você busca contribuir com doações para campanhas e ações sociais (ex.: ações filantrópicas)?	,081
Você participa de trabalhos voluntários?	,208**
Variáveis - sustentabilidade (ambiental)	
Sua empresa possui diretrizes/políticas relacionadas à preservação do meio ambiente?	,067
Você conhece as influências dos processos e/ou atividades de sua empresa no meio ambiente?	,126*
Existe a preocupação com a economia de água na sua empresa?	,072
Existe a preocupação com a economia de energia elétrica na sua empresa?	,167**
Sua empresa realiza a separação dos resíduos para coleta seletiva de lixo?	-,045
Existe a preocupação com a redução do uso de materiais na sua empresa (ex.: papelaria, insumos, combustíveis e etc.)?	,121*
Você acredita que a adoção de ações voltadas à preservação do meio ambiente pode assegurar melhores condições de vida às futuras gerações?	,109*
Variáveis - sustentabilidade (econômica)	
Sua empresa calcula o preço de venda do seu produto/serviço?	,183**
Você apura os resultados da sua empresa?	,249**
Você está satisfeito com o desempenho (resultados) da sua empresa?	,174**

* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Fonte: Elaborado pelos autores, 2014.

Essa correlação positiva pode ser explicada em virtude da importância que a educação possui para a mudança do paradigma em direção à sustentabilidade em todas as suas dimensões. Conforme Sachs (1986), a construção de um novo modelo de desenvolvimento necessita de uma participação popular efetiva e do estabelecimento de um sistema social garantindo emprego, segurança social, respeito a outras culturas e programas de educação bem implantados e sistêmicos.

Percebe-se que a participação do MEI e o seu apoio ao colaborador em também participar de cursos e treinamentos é a variável com maior correlação (26,5%), seguida da ação de assegurar ao próprio empreendedor e ao seu empregado condições adequadas de saúde e segurança na execução do trabalho, com 26,4%. Ambas as variáveis estão na dimensão social que, segundo Dixon e Clifford (2007), contribui para um maior envolvimento e satisfação do colaborador.

A dimensão ambiental é a que apresenta os menores índices de correlação entre suas variáveis e o grau de escolaridade do microempreendedor individual. Nela, apenas a preocupação com o consumo e a economia de energia elétrica é a variável

que aparece com uma correlação positiva no nível de 0,01 de significância, com 16,7%. Tal resultado corrobora com uma das linhas de pensamento da corrente neoclássica da economia, que aponta para a importância de se estabelecer direitos e obrigações, por meio de normas e leis, objetivando mais compromisso do indivíduo com o meio ambiente.

A dimensão econômica apresenta todas as suas variáveis associadas positivamente à escolaridade do MEI, tendo a ação de apurar periodicamente os resultados o maior índice (24,9%), o que reflete, segundo Sachs (2004), uma forma eficiente de gerir os negócios.

A correlação múltipla entre a idade do microempreendedor individual e suas ações e percepções (Tabela 2) apontaram para correlações negativas entre essas variáveis, com destaque para duas variáveis que representam ações relacionadas à dimensão social (prover condições de saúde e segurança e o pagamento de incentivos monetários), com 20,5% e 17,3% respectivamente, e uma à dimensão econômica, a correta formação do preço, com 13,9%.



Tabela 2: Correlações entre a idade do MEI e as ações e as percepções relacionadas à sustentabilidade.

Variáveis - sustentabilidade	Idade do MEI
Sua empresa assegura a você (e ao funcionário, se houver) condições de saúde e segurança na execução das tarefas de forma apropriada?	-,205**
A empresa paga incentivos monetários (gratificações por produtividade, comissões, participação nos lucros) a você ou ao seu trabalhador, se houver?	-,173**
Você participa ou apoia seu funcionário a participar de cursos e treinamentos?	-,127*
Você busca patrocinar eventos culturais ou científicos no seu município?	-,091
Você busca contribuir com doações para campanhas e ações sociais (ex: ações filantrópicas)?	-,064
Você participa de trabalhos voluntários?	,012
Sua empresa possui diretrizes/políticas relacionadas à preservação do meio ambiente?	-,027
Você conhece as influências dos processos e/ou atividades de sua empresa no meio ambiente?	-,085
Existe a preocupação com a economia de água na sua empresa?	-,081
Existe a preocupação com a economia de energia elétrica na sua empresa?	-,103*
Sua empresa realiza a separação dos resíduos para coleta seletiva de lixo?	,081
Existe a preocupação com a redução do uso de materiais na sua empresa (ex: papelaria, insumos, combustíveis e etc.)?	-,012
Sua empresa calcula o preço de venda do seu produto/serviço?	-,139**
Você apura os resultados da sua empresa?	-,129*
Você está satisfeito com o desempenho (resultados) da sua empresa?	-,035
Você acredita que a adoção de ações voltadas à preservação do meio ambiente pode assegurar melhores condições de vida às futuras gerações?	-,100*
Você acredita que adotar atitudes responsáveis relacionadas à melhoria e bem estar do ser humano e da sociedade pode proporcionar vantagens para a empresa frente aos concorrentes?	-,092

* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Fonte: Elaborado pelos autores, 2014.

Dentre as variáveis da dimensão ambiental, a preocupação com o consumo e a economia de energia elétrica e a percepção de que a adoção de ações voltadas à preservação do meio ambiente pode assegurar melhores condições de vida às futuras gerações também apresentam correlações negativas com a idade do MEI, de 10,3% e 10% respectivamente, a um nível de 0,05 de significância.

Com esses resultados, é possível afirmar que, nesse caso, microempreendedores individuais, mais velhos, tendem a não se preocuparem com as questões relacionadas à sustentabilidade.

Por meio da análise de clusters formados, foi possível agrupar os microempreendedores individuais em função da similaridade dos valores das variáveis que representam as ações e as percepções relacionadas à sustentabilidade. Dois clusters foram gerados, utilizando-se do método hierárquico aglomerativo de Ward, para computar a matriz de distância ou similaridade entre os indivíduos, e do quadrado da distância euclidiana, para medir a semelhança entre as observações.

O cluster 1 apresentou 102 microempreendedores (26,09%), enquanto que o cluster 2 totalizou 289 MEIs, representando 73,91% dos indivíduos pesquisados. Com relação à variável sexo há um equilíbrio dentro do cluster 1, visto que os homens representam 51% do cluster 1, totalizando 52 MEIs, e as mulheres somam 50 empreendedores individuais (49%); 61 MEIs pertencem à atividade comércio (59,8%), seguida da atividade serviços, com 28 MEIs (27,5%), comércio e serviços, com 12 (11,8%) e indústria e comércio, com 1 (1%); 39 possuem empregados (38,2%) e 63 não possuem empregados (61,8%); 52 se configuram como familiar (51%) e 50 MEIs não se configuram como familiar (49%).

Do total de empreendedores do cluster 2, 144 (49,8%) são homens e 145 (50,2%) mulheres; 139 pertencem à atividade comércio (48,1%), seguida da atividade serviços, com 79 MEIs (27,3%), comércio e serviços, com 53 (18,3%) e indústria e comércio com 18 (6,2%); 143 possuem empregados (49,5%) e 146 não possuem empregados (50,5%); 164 se configuram



como familiar (56,7%) e 125 MEIs não se configuram como familiar (43,3%).

O cluster 1 apresentou uma média das respostas relacionada às variáveis de sustentabilidade, de 1,67, refletindo limitações nas ações e percepções relacionadas ao bem-estar do ser humano, ao meio ambiente e aos resultados economicamente sustentáveis do negócio. Vale destacar que o percentual de insatisfação dos empreendedores individuais desse grupo, em relação aos resultados do negócio, chega a 79,4%; a intenção em não continuar com a empresa é de 9,8%; a pretensão em permanecer como MEI é de 44,1%; e a expectativa de crescer e expandir 46,1%.

O cluster 2 obteve uma média de 2,30 nas respostas relacionadas às variáveis pertencentes à sustentabilidade, o que reflete ações e percepções assertivas à conjuntura do *triple bottom line*. Ao contrário do cluster 1, o cluster 2 apresentou um índice de insatisfação com o próprio negócio de 54,6%; o percentual daqueles que não pretendem continuar com o negócio é de apenas 2,1% e a expectativa dos MEIs do conglomerado em crescer e expandir é de 74,4%.

Em relação à conjectura de que quanto maior o nível de escolaridade do MEI, mais sensatas e coerentes suas ações e percepções relacionadas ao gerenciamento sustentável dos negócios, nota-se que os dados gerados pelo cruzamento das variáveis

clusters versus escolaridade (Tabela 3) apresenta um alto percentual (83,33%) de formação básica para os microempreendedores, pertencentes ao cluster 1, agrupamento de microempreendedores individuais que retratam a ausência de ações e a baixa percepção relacionadas ao bem-estar do ser humano, à preocupação com meio ambiente e aos resultados economicamente sustentáveis do negócio. Por outro lado, os MEIs pertencentes ao cluster 2, agrupamento que apresenta ações assertivas e percepções prudentes referentes à sustentabilidade dos negócios, somam 45,33% com ensino superior incompleto, completo e pós-graduação.

Ainda, nesse contexto, é importante observar os quadrantes relacionados ao grau de escolaridade superior entre os clusters, que estão assim distribuídos: (i) com nível superior incompleto encontram-se 85,19% dos MEIs pertencentes ao cluster 2 e a 14,81% daqueles do cluster 1; (ii) com superior completo, 89,83% estão classificados no cluster 2 e 10,17% no cluster 1; e (iii) com pós-graduação, 91,43% estão no cluster 2 e 8,57% no cluster 1.

Desse modo, é possível inferir que quanto maior o grau de escolaridade do MEI, maior será seu compromisso com o desenvolvimento sustentável de seu município e região, o que corrobora com os resultados já apresentados nas análises de correlações.

Tabela 3: Tabulação cruzada entre as variáveis clusters (sustentabilidade) e escolaridade dos microempreendedores individuais pesquisados.

Cluster		Escolaridade do Entrevistado						Total
		Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Completo	Ensino Médio Incompleto	Ensino Médio Completo	Ensino Superior Incompleto	Ensino Superior Completo	
1	Frequência absoluta	15	11	21	38	8	6	102
	% dentro de Ward Method	14,71%	10,78%	20,59%	37,25%	7,84%	5,88%	100%
		83,33%						
	% dentro de Escolaridade	44,12%	28,95%	46,67%	30,16%	14,81%	10,17%	26,09%
	% do Total	3,84%	2,81%	5,37%	9,72%	2,05%	1,53%	26,09%
2	Frequência absoluta	19	27	24	88	46	53	289
	% dentro de Ward Method	6,57%	9,34%	8,30%	30,45%	15,92%	18,34%	100%
		45,33%						
	% dentro de Escolaridade	55,88%	71,05%	53,33%	69,84%	85,19%	89,83%	73,91%
	% do Total	4,86%	6,91%	6,14%	22,51%	11,76%	13,55%	73,91%
Total	Frequência absoluta	34	38	45	126	54	59	391
	% dentro de Ward Method	8,70%	9,72%	11,51%	32,23%	13,81%	15,09%	100%
	% dentro de Escolaridade	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
	% do Total	8,70%	9,72%	11,51%	32,23%	13,81%	15,09%	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2014.

Com relação à idade, percebe-se, de acordo com a Tabela 4, que 55,71% dos MEIs pertencentes ao cluster 2, grupo representante das boas ações e percepções relacionadas à sustentabilidade, estão

abaixo da média de idade da amostra, caracterizando-se como um grupo mais jovem. Enquanto que a maior parte dos MEIs pertencentes ao cluster 1 (60,79%) está acima dos 35 anos de idade.



Tabela 4: Tabulação cruzada entre as variáveis clusters (sustentabilidade) versus idade dos microempreendedores individuais pesquisados.

Cluster			Idade do MEI					Total
			Até 25	26 a 35	36 a 45	46 a 55	Acima de 55	
Ward Method	1	Frequência absoluta	9	31	40	14	8	102
		% dentro de Ward Method	8,82%	30,39%	39,22%	13,73%	7,84%	100%
			60,79%					
	2	% dentro de Idade do MEI	17,54%	21,66%	32,14%	28,23%	32,41%	26,1%
		Frequência absoluta	52	109	76	42	10	289
		% dentro de Ward Method	17,99%	37,72%	26,30%	14,53%	3,46%	100%
Total			55,71%					
		% dentro de Idade do MEI	82,46%	78,34%	67,86%	71,77%	67,59%	73,9%
		Frequência absoluta	61	140	116	56	18	391
		% dentro de Ward Method	15,60%	35,81%	29,67%	14,32%	4,60%	100%
			% dentro de Idade do MEI	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2014.

Diante desse resultado, em conjunto com os da análise de correlação, conclui-se que os microempreendedores individuais mais jovens tendem a ter maiores compromissos, representados por suas ações e percepções sobre a sustentabilidade.

Com o intuito de averiguar a existência de diferenças entre os clusters gerados em função da similaridade dos valores das variáveis que representam as ações e as percepções relacionadas à sustentabilidade, para tanto empregou-se a análise discriminante, utilizando o método *Stepwise*. Como variável dependente, consideraram-se os agrupamentos dos microempreendedores individuais (clusters 1 e 2) e como variáveis independentes, as ações de gestão e as ações e percepções relacionadas à sustentabilidade. Assim, extraiu-se a função discriminante com 1,697 de autovalor, 100% de significância e coeficiente de correlação canônica de 0,793. Ao elevar o coeficiente de correlação canônica ao quadrado, constatou-se que 62,88% do total da variância foram explicados pelo modelo que inclui nove variáveis. Nessa análise, constatou-se que 94,1% dos microempreendedores do cluster 1 e, coincidentemente, 94,1% do cluster 2 foram classificados corretamente.

Nesse contexto, nove variáveis foram extraídas na análise e a estatística Lambda de Wilks mostrou-se

significativa na discriminação dos dois agrupamentos. A Tabela 5 apresenta, de forma resumida, os resultados da análise discriminante. Os resultados permitem concluir que o padrão de resposta dessas variáveis foi significativamente distinto entre os clusters, sendo, portanto, essas variáveis representativas das ações e das percepções que mais discriminam o grupo de microempreendedores individuais menos responsáveis em suas ações e percepções referentes à sustentabilidade daqueles mais responsáveis frente ao contexto do *triple bottom line*.

De acordo com a Tabela 5, é possível afirmar que a variável referente à preocupação com a economia e o consumo de energia elétrica é a variável que mais discrimina os dois grupos de microempreendedores individuais. Somam-se a esta as variáveis preocupação com a redução do uso de materiais, preocupação com a economia e o consumo de água e o estabelecimento de diretrizes/políticas relacionadas à preservação ambiental; todas pertencentes à dimensão ambiental da sustentabilidade, sendo as duas últimas ações que refletem a responsabilidade com as gerações futuras e as duas primeiras voltadas também para diminuição de custos, conforme já especificado anteriormente por Lustosa (2003).



Tabela 5: Resultados da análise discriminante dos clusters com as etapas de extração, estatística Wilks' Lambda e nível de significância para cada variável.

Etapa	Variáveis	Lambda de Wilks	Sig.
1	Preocupação com o consumo de energia elétrica	,666	,000
2	Precificação	,551	,000
3	Satisfação com os resultados da empresa	,456	,000
4	Preocupação com a redução do uso de materiais	,427	,000
5	Apoio a treinamentos e capacitações	,406	,000
6	Preocupação com o consumo de água	,386	,000
7	Diretrizes/políticas relacionadas à preservação ambiental	,379	,000
8	Contribuição para campanhas e ações de cunho social	,375	,000
9	Crença de que a adoção de atitudes relacionadas à melhoria do bem estar do ser humano e da sociedade proporciona vantagem competitiva	,371	,000

Fonte: Elaborado pelos autores, 2014.

A variável precificação, ação que reflete a correta forma de compor o preço de venda do produto/serviço, juntamente com a percepção de satisfação pelos resultados da empresa representam a dimensão econômica da sustentabilidade na análise discriminante dos clusters. Os resultados demonstram que microempreendedores individuais do cluster 1 além de não estarem satisfeitos com os resultados do negócio, possuem limitações quanto aos conceitos e técnicas de precificação. Com isso, é possível concluir que, ao se descuidar de uma importante ação de gerenciamento, como a precificação, pode-se comprometer a dimensão econômica, um dos alicerces do empreendedorismo sustentável (ESTY; WINSTON, 2008).

Pertencentes à dimensão social, a participação do microempreendedor individual em treinamentos, bem como seu apoio a empregados a participarem de capacitações, é uma variável que aparece na análise e distingue os MEIs dos agrupamentos 1 e 2, quando se trata de preocupação com o ser humano. Também distingue esses clusters, a variável que reflete a participação do microempreendedor na sociedade, por meio de contribuições para campanhas e ações de cunho social. Nesse contexto, vale retomar Dixon e Clifford (2007), ao afirmarem que um dos objetivos principais do empreendedorismo sustentável é a busca pelo desenvolvimento orientado para a qualidade de vida do ser humano e o bem-estar de toda a sociedade.

A última das nove variáveis é a crença de que a adoção de atitudes relacionadas à melhoria do bem-estar do ser humano e da sociedade proporciona vantagem competitiva para a empresa frente aos concorrentes, percepção que também distingue o grupo de microempreendedores individuais responsáveis daqueles menos conscientes em suas ações e percepções referentes à sustentabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender os padrões de gerenciamento voltados à temática da sustentabilidade

dos microempreendedores individuais da microrregião de Varginha, a pesquisa evidenciou resultados que podem contribuir com o crescimento e o sucesso do MEI (empresa e indivíduo), cooperar com o desenvolvimento econômico e sustentável da região e ampliar os estudos relacionados ao fenômeno do empreendedorismo.

Os resultados revelaram que os MEIs, nesse caso, ainda têm baixo envolvimento com essas questões. A falta de diretrizes voltadas à preservação ambiental, o baixo interesse do microempreendedor individual em participar de trabalhos voluntários e o desconhecimento dos impactos gerados pelos processos e/ou atividades da empresa na natureza representaram as variáveis com menor desempenho médio na temática. Contudo, as percepções de que a adoção de ações voltadas à preservação do meio ambiente pode assegurar melhores condições de vida às futuras gerações e a crença de que atitudes responsáveis relacionadas à melhoria e bem-estar do ser humano e da sociedade pode proporcionar vantagens para a empresa frente à concorrência foram aspectos que se destacaram na percepção dos MEIs. Tal resultado contribui para a expectativa de que, se bem orientada e trabalhada, a sustentabilidade pode se tornar praxe nas decisões dos microempreendedores individuais da região.

Quando questionados sobre quais motivos os levariam a adotar e/ou ampliar as práticas voltadas a um melhor gerenciamento das questões ambientais, os MEIs afirmaram que o primeiro, com 45%, seria a possibilidade de financiamentos com taxas mais baixas, seguido das exigências de uma legislação mais rigorosa (30%) e, por fim, da pressão por parte da sociedade e consumidores, com 25%. Nota-se que os dois motivos mais apontados dependem da existência de legislação adequada. Desse modo, ratifica-se a necessidade de políticas públicas e de ações de conscientização, de acordo com uma das estratégias defendidas pela economia ecológica, para que a questão ambiental possa se tornar uma preocupação mais efetiva por parte das empresas e de seus dirigentes.



Quanto à escolaridade dos MEIs, observou-se que quanto maior o nível de escolaridade do microempreendedor individual, na maioria das variáveis relacionadas, seu envolvimento e compromisso com as questões sustentáveis confirmam. Ao contrário desses resultados, as análises comprovaram correlações negativas entre as variáveis idade do MEI e suas ações e percepções relacionadas à responsabilidade sustentável, suscitando, assim, uma necessidade de maior conscientização sobre a temática direcionada aos microempreendedores individuais com maior idade.

Quanto à expectativa do empreendedor, enquanto MEI, para o futuro, constatou-se que cerca de 67% dos empreendedores pretendem crescer e expandir, 29% pretendem se manter como microempreendedores individuais e apenas 4% não devem continuar suas atividades. Com isso, espera-se que as informações obtidas neste estudo sejam disseminadas e que organizações como o SEBRAE, instituições de ensino superior, escolas técnicas e associações comerciais, pertencentes à microrregião, possam contribuir para o desenvolvimento regional

capacitando os microempreendedores individuais já formalizados e aqueles que pretendem se formalizar.

A contribuição principal dessa pesquisa foi ampliar o conhecimento sobre as características dos MEIs da região pesquisada, o que pode servir como importante base para a determinação de políticas e ações locais a fim de incentivar a amplitude da responsabilidade social e ambiental nessas organizações, envolvendo órgãos como SEBRAE, prefeituras e associações comerciais.

Há que se destacar que o trabalho demonstra a realidade apenas da microrregião pesquisada, o que não permite ampliar e considerar os resultados como um padrão a nível nacional dos MEIs e nem mesmo como uma diretriz para outras regiões.

Nesse sentido, sugere-se que novas pesquisas possam ser estendidas a outras microrregiões, ou até mesmo para mesorregiões, com MEIs ou outras configurações jurídicas, como micro e pequenas empresas, objetivando contribuir para o aumento da participação dos pequenos negócios no Produto Interno Bruto do país e, por conseguinte, para o desenvolvimento socialmente justo, ambientalmente correto e economicamente viável.

REFERÊNCIAS

ACS, Z. J. *et al.* Growth and entrepreneurship. **Small Business Economics**, Dordrecht, v. 39, n. 2, p. 289-300, Sept. 2012.

BABBIE, E. **Métodos de pesquisa de survey**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 519 p.

BOSZCZOWSKI, A. K.; TEIXEIRA, R. O empreendedorismo sustentável e o processo empreendedor: em busca de oportunidades de novos negócios como solução para problemas ambientais e sociais. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 33, 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2009. 1 CD-ROM.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006. Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, n. 240, p. 1-9, 15 dez. 2006.

_____. Congresso Nacional. Lei Complementar nº 128, de 19 de dezembro de 2008. Altera a Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, n. 248, p. 1-6, 22 dez. 2008.

_____. Previdência Social. **Guia do empreendedor individual**. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/arquivos/office/3_110718-161510-655.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2013.

CAVALCANTI, M. C. S.; TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo sustentável e as dimensões de schlange: um estudo multicasos em pequenas empresas sergipanas. In: ENCONTRO DE ESTUDOS EM ESTRATÉGIA, 6, 2013, Bento Gonçalves. **Anais...** Bento Gonçalves: ANPAD, 2013. 1 CD-ROM.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2007. 176 p.

COHEN, B.; WINN, M. Market Imperfections, opportunity and sustainable entrepreneurship. **Journal of Business Venturing**, New York, v. 22, p. 29-49, June 2007.

DALMORO, M. A visão da sustentabilidade na atividade empreendedora: uma análise a partir de empresas incubadas. **Revista de Gestão Organizacional – RGO**, Chapecó, v. 2, n. 1, p. 87-104, jan./jun. 2009.

DIMOV, D. Grappling with the unbearable elusiveness of entrepreneurial opportunities. **Entrepreneurship Theory and Practice**, San Francisco, v. 35, p. 57-81, Jan. 2011.

DIXON, S. E.; CLIFFORD, A. Ecopreneurship: a new approach to managing the tripple bottom line. **Journal of Organizational Change Management**, Bradford, v. 20, n. 3, p. 326-344, June 2007.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008a. 319 p.



DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008b. 299 p.

DONAIRE, Denis. **Gestão ambiental na empresa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ESTY, D. C.; WINSTON, A. **O verde que vale ouro**: como empresas inteligentes usam a estratégia ambiental para inovar, criar valor e construir uma vantagem competitiva. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. 347 p.

FENKER, E. A.; FERREIRA, E. Sustentabilidade: economia e ecologia sustentáveis? In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 35, 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011. 1 CD-ROM.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 6-28, abr./jun. 1999.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil**: relatório nacional. Curitiba, 2003. Disponível em: <<http://www.gemconsortium.org/download/1311898856232/BRASIL%20GEM%202003.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

HAIR JUNIOR, J. F. *et al.* **Análise multivariada de dados**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009. 688 p.

HOLT, D. Where are they now?: tracking the longitudinal evolutions of environmental businesses from the 1990s. **Business Strategy and the Environment**, New York, v. 20, n. 4, p. 238-250, May 2011.

JUNG, C. F. **Metodologia para pesquisa & desenvolvimento**: aplicada a novas tecnologias, produtos e processos. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2004. 328 p.

LEVIN, J. **Estatística aplicada a ciências humanas**. 2. ed. São Paulo: Harbra, 1987. 408 p.

LUSTOSA, M. C. J. Industrialização, meio ambiente, inovação e competitividade. In: MAY, P. H.; LUSTOSA, M. C.; VINHA, V. da. **Economia do meio ambiente**. Rio de Janeiro: Campus, 2003. p. 155-172.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012. 768 p.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas: amostragens e técnicas de pesquisas: elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 296 p.

NECK, H. M.; GREENE, P. G. Entrepreneurship education: known worlds and new frontiers. **Journal of Small Business Management**, Milwaukee, v. 49, n. 1, p. 55-70, Jan. 2011.

PARRISH, B. D. Sustainability: driven entrepreneurship: principles of organization design. **Journal of Business Venturing**, New York, v. 25, n. 5, p. 510-523, Sept. 2010.

PORTAL DO EMPREENDEDOR. **Microempreendedor individual**: estatísticas do MEI. Disponível em: <<http://www.portaldoempreendedor.gov.br/mei-microempreendedor-individual/lista-dos-relatorios-estatisticos-do-mei>>. Acesso em: 7 jan. 2014.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimento** – crescer sem destruir. São Paulo: Vértice, 1986.

_____. Desenvolvimento sustentável: desafio do século XXI. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 214-216, jul./dez. 2004.

SALUSSE, M. A. Y.; ANDREASSI, T. O estado da arte do ensino do empreendedorismo: mapeamento e evolução. In: ENCONTRO DE ESTUDOS EM ESTRATÉGIA, 6, 2013, Bento Gonçalves. **Anais...** Bento Gonçalves: ANPAD, 2013. 1 CD-ROM.

SARASVATHY, S. D.; VENKATARAMAN, S. Entrepreneurship as method: open questions for an entrepreneurial future. **Entrepreneurship Theory and Practice**, San Francisco, v. 35, n. 6, p. 113-135, Nov./Dec. 2011.

SCHAPER, M. The essence of ecopreneurship. **Environmental Entrepreneurship**, Oxford, v. 38, n. 1, p. 26-30, 2002.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalism, socialism and democracy**. New York: Harper and Row, 1950. 431 p.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1997. 237 p.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Desempenho das MPE mineiras**: 1º trimestre 2013. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/uf/minas-gerais/setores-em-destaque/pesquisas/desempenho-das-micro-e-pequenas-empresas-mineiras/pesquisa-desempenho-1o-trimestre-2013.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2013.



STEVENSON, W. J. **Estatística aplicada à administração**. São Paulo: Harbra, 2001. 498 p.

TACHIZAWA, T. **Gestão ambiental e responsabilidade social corporativa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

THEÓPHILO, C. R.; MARTINS, G. A. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 264 p.

TILLEY, F.; YOUNG, W. Sustainability entrepreneurs: could they be the true wealth generators

of the future? **Greener Management International**, Sheffield, v. 55, p. 19-92, Feb. 2009.

VENKATARAMAN, S. *et al.* Reflections on the 2010 AMR decade award: whither the promise?: moving forward with entrepreneurship as a science of the artificial. **Academy of Management Review**, Mississippi, v. 37, n. 1, p. 21-33, Jan./Feb. 2012.

VINHA, V. As empresas e o desenvolvimento sustentável: da ecoeficiência à responsabilidade social corporativa. In: MAY, P. H.; LUSTOSA, M. C.; VINHA, V. **Economia do meio ambiente**. Rio de Janeiro: Campus, 2003. p. 173-196.